

PERFORMANCE E AUTONOMIA SUBJETIVA

PINHO, Osmundo. *Cativeiro: antinegritude e ancestralidade*. Salvador: Segundo Selo, 2021, 300 p.

É impressionante, principalmente para alguém de fora das Ciências Sociais como eu, ler em *Cativeiro* uma breve, porém potente, revisão da noção de pessoa pela antropologia, tão bem articulada ao seu argumento central. Como afirma ainda na introdução, Osmundo Pinho busca assumir neste livro um ponto de vista local que se comunique com a experiência crítica do afropessimismo estadunidense, ainda que, “em um sentido muito difícil de ser suportado”, reconheça que essa também seja a sua própria perspectiva (p. 25).

É a partir dessa dificuldade em suportar que, ainda no primeiro capítulo, o autor faz um traçado crítico em que identifica as diferenças estruturais entre o afropessimismo e a corrente de longa duração do “pensamento

da ancestralidade”, articulado em obras de autoras e autores do pensamento negro brasileiro moderno, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento. O ponto desse encontro está na noção de pessoa levada em consideração por ambas as posições críticas, que diferem quanto ao protagonismo (ou antagonismo) reservado à subjetividade negra na narrativa de sua história social.

Para o afropessimismo estadunidense, de modo geral, permanece atual a identificação do negro com o escravo. Esta constatação, tal como a desenvolve Frank Whinderson,¹ dá continuidade a um postulado fanoniano de que a experiência negra colonizada é estruturada no

1 Frank B. Whinderson III, *Afropessimismo*, São Paulo: Todavia, 2021.

antagonismo do negro *em relação* à sociedade civil (p. 117). Já do ponto de vista do pensamento da ancestralidade, como demonstrado pelos autores afro-brasileiros citados, o africano preexiste ao encontro colonial. Logo, a escravização teria sido uma “contingência transitória e inessencial” (p. 25) que não foi capaz de determinar a subjetividade negra desde então.

Assim, é por assumir essa identificação com o escravo e, por meio dela, ter na morte social a categoria central de sua imaginação política que o afropessimismo se diferencia do pensamento afro-brasileiro. Do lado de cá, ainda, a recusa à identificação com o escravo busca não a negação da escravidão enquanto fato, mas sim a afirmação de uma plenitude que resiste, apesar da dominância do ponto de vista anti-negro na configuração do mundo.

Outra diferença qualitativa desses dois processos de negatização é expressa, ao longo de todo o livro, pela *cena de objeção*, categoria que descreve uma função determinante do signo África para a especificação local da resistência negra através da performance socialmente instituída. Lastreado ele mesma na longa duração do pensamento negro brasileiro,

tal signo, explica o autor, ocupa na experiência ordinária do negro um papel central, principalmente como um dos resultados da presença objetiva da cultura afro-brasileira (sobretudo das religiões de matriz africana) na formação do “sujeito negro no palco das lutas políticas e das políticas de subjetivação” (p. 63).

Não sendo encontrada extensivamente e do mesmo modo no contexto afro-americano, a presença da *africanidade* implica, do lado brasileiro, na alternância da categoria central da imaginação política da morte social (como é para os afropessimistas) para a categoria de ancestralidade. É assim que podemos compreender, por exemplo, o signo-África como “um dispositivo discursivo de subjetivação” que preenche o presumido vazio histórico, rastro histórico da escravidão colonial (p. 69).

Há na identificação afropessimista com o escravo também um reconhecimento deste com um vácuo ontológico, como aquele reservado à coisa no pensamento ocidental. Além disso, guardaria de semelhança com o contexto da escravidão a permanência de uma configuração antinegra do mundo, onde a desposseção

(sobretudo econômica), a desonra total, a fungibilidade e a alienação natal compõem a experiência atual do negro.

De fato, o que salta à vista após a leitura dos seus cinco capítulos é que *Cativeiro* é capaz de produzir uma unidade sintética de duas correntes críticas que se posicionam de forma fundamentalmente distintas à centralidade (ou não) do escravo para a configuração atual da experiência da pessoa negra. A insistência do autor em estabelecer tais diferenças enquanto partes integrantes de uma tradição de longa duração do pensamento negro consegue também expor com rigor a imanência e a radicalidade de ambas as correntes tanto nos seus objetivos (o fim do mundo como o conhecemos), como nos discursos formalizados (escritos e arquivados), e ainda nos repertórios sociais da fugitividade (estratégias de subversão disciplinar ativadas pela performance negra), recusa e rebelião.

Ao longo de *Cativeiro*, o autor nos descreve como a negatificação é um dispositivo discursivo bem como uma prática política importante para a compreensão contra-hegemônica de manifestações da arte e da cultura

afro-brasileiras que lidam com a dimensão material e estética do corpo negro.

É no sentido da síntese que em verdade complexifica, reciprocamente, as duas correntes críticas que podemos acompanhar, em todos os capítulos, o argumento do autor a partir da análise de extenso material teórico e artístico. O leitor terá acesso à análise de documentos diversos, nos mais variados meios e gêneros, desde escritos autobiográficos de ex-escravos nos EUA, peças audiovisuais de Zózimo Bulbul, Santiago Álvarez, Ayrson Heráclito e um vídeo feito pela campanha Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta, até poemas de Seu Marujo, Castro Alves e Beatriz Nascimento, o carnaval *Mardi Gras Indians* em Nova Orleans e a arte performática de Musa Michelle Mattiuzzi, para citar apenas alguns exemplos. Vale ressaltar ainda a preocupação do autor em trazê-los em forma de imagem ou transcrição de textos para apreciação direta pelo leitor.

É também percorrendo *tropos* do pagode baiano, como o “paredão”, o “botar a base” e a “favela”, analisando-os em seus contextos, com cautelosa atenção às nuances da intersecção entre raça, classe e gênero,

que o autor pode, por exemplo, concluir que tais manifestações da cultura afro-brasileira se situam “fora do pacto nacional mestiço” (p. 107). É porque lutam e resistem – ainda que em “uma cena definida” – em serem reconhecidos como identidade e subjetividade coerentes e legíveis (ibidem) que, na performance socialmente instituída, o negro pode dispensar as epistemologias ocidentais para se projetar no espaço transtemporal mitopoético, domesticando a morte social por meios simbólicos e materiais disponíveis na tradição.

É ainda no sentido de afirmar a integralidade do sujeito negro que o autor retoma, no longo e importante último capítulo, o percurso de sua argumentação. Consciente das convenções literárias implicadas na escrita da narrativa escrava estadunidense, até mesmo daquelas feitas de próprio punho, o autor – que agora encontra na performance uma forma de apresentação do sujeito negro em sua plenitude – reflete sobre como a

economia política escravista pode, apenas em pouquíssimos casos e em meio a várias contradições, permitir que um negro exerça autonomia subjetiva, sem a intermediação ou a intercessão de mediadores brancos. É nesse ponto que a categoria *cena de objeção* ganha maior densidade e capacidade descritiva.

Por conseguir expor diferentes correntes do pensamento afrodiaspórico através de suas diferenças e aproximações, avançando também em discussões importantes para os estudos da performance no Brasil, *Cativeiro* se torna uma referência importante para pesquisadores desses campos. Mais especificamente, também ressalto o importante esforço que a obra de Osmundo Pinho leva a cabo em termos de oferecer ao leitor instrumentos metodológicos e boa fundamentação teórica interdisciplinar para que uma formalização e historicização das diferentes vertentes do pensamento negro radical seja cada vez mais possível entre nós.

Roger Melo  

Universidade de São Paulo

doi: 10.9771/aa.v0i67.55003